

Resposta emergencial – envolvendo a igreja local

Um estudo de caso resumido do norte do Quênia

1. Introdução

Marsabit está na Província Oriental do Quênia e é o segundo maior distrito do país. É classificado como árido e semi-árido e é vulnerável às secas. A área sofreu de maneira particularmente severa nas secas de 2004-2005. As pessoas são principalmente criadores de animais com rebanhos mistos de gado, camelos e cabras. Durante a recente seca, os níveis de subnutrição excederam os limites emergenciais e as perdas de gado foram além dos 70 por cento.

Há uma pequena população cristã no distrito. Ela está espalhada em várias igrejas pequenas que saíram de diferentes denominações. Existem estruturas governamentais, com servidores públicos, um judiciário e a polícia estruturada. Políticos eleitos e anciãos tradicionais das tribos representam o povo. A infraestrutura é precária e as distâncias entre os centros são grandes. Apenas algumas ONGs trabalham no local.

A Equipe de Gestão de Desastres da Tearfund (EGD) iniciou seu Programa no Norte do Quênia em junho de 2006 em resposta às contínuas secas, realizando atividades de saúde, nutrição e mobilização comunitária. Ela indicou um Oficial de Mobilização de Igrejas (OMI) para mobilizar as igrejas locais a também responderem à situação. O OMI trabalhou com as igrejas nos últimos dez meses dos 18 meses do programa da EGD na área.

2. Objetivos do programa da igreja

O propósito do programa de igrejas dirigido pelo OMI era garantir que as igrejas evangélicas locais, por meio de líderes que tivessem desenvolvido sua visão, fizessem sua contribuição distintiva no trato de questões prementes que se apresentam diante do seu povo em uma situação de seca. O programa também incentivou as igrejas a trabalharem com outras agências e instituições no processo.

3. Passos no processo

- (Novembro de 2006 – Fevereiro de 2007). A primeira tarefa do OMI foi estabelecer bons relacionamentos com os líderes das 13 igrejas locais. Isto foi resolvido ao longo de um período de quatro meses.
- (Março – Abril de 2007). Uma vez estabelecida a confiança na EGD, o OMI explorou as questões que as igrejas queriam tratar. Após uma série de encontros de treinamento, elas estabeleceram duas prioridades: (1) Sistemas de alerta antecipado para prever e se preparar para as secas; e (2) atividades de construção da paz. As atividades para construção da paz eram necessárias porque havia uma disputa acerca de uma fonte de água entre duas tribos no distrito: os Rendille e os Gabbra.
- (Maio – Junho de 2007). Facilitados pelo OMI, os líderes das igrejas trabalharam com o departamento governamental apropriado para usar os cultos de domingo para difundir informações sobre mensagens de alerta antecipado. O OMI também os ajudou a indicar e enviar um representante para o Comitê de Paz, um corpo de mediação de conflitos patrocinado pelo governo que funcionava no distrito.
- (Julho de 2007) Em paralelo a essas atividades, o OMI descobriu que havia uma preocupação sobre HIV e AIDS. Ele convidou os funcionários da EGD para conduzir treinamentos nesse assunto.
- (Agosto – Setembro de 2007) O OMI vinculou-se a uma outra agência eclesiástica com base em um distrito vizinho. Juntos com os líderes das igrejas, eles iniciaram uma consulta de alto nível a fim de tratar do problema da fonte de água disputada entre os Rendille e os Gabbra.

4. Impacto

- Os pastores agora têm uma nova compreensão e um maior compromisso e confiança em desempenhar um papel ativo ao tratar das questões comunitárias.
- Eles estabeleceram bons relacionamentos com os pastores de igrejas pertencentes a outras denominações.
- Eles envolveram o governo no sentido de ajudá-los a tratar das questões que os afetavam.
- As igrejas evangélicas agora têm representantes no Comitê pela Paz Comunitária (CPC).
- Uma organização local parceira da Tearfund, CCS-MKE, pode continuar na busca do cumprimento da agenda pela construção da paz (a EGD não mais atua na área).

5. Lições aprendidas

- As expectativas que as igrejas locais possam ter sobre o envolvimento com a agência devem ficar claras desde o início. Uma pesquisa inicial de linha de base nas igrejas deveria ser realizada a fim de esclarecer as expectativas.
- O tempo “gasto” no estabelecimento de bons relacionamentos entre a agência e as igrejas é, na verdade, um tempo bem empregado. Os relacionamentos deveriam ser estabelecidos quando o programa entra na área pela primeira vez.
- As intervenções de maior sucesso resultam em se trabalhar a partir das prioridades dos pastores, não a partir das prioridades da agência.
- Uma colocação de dez meses para um OMI é muito curta para produzir mudanças significativas nas atitudes dos líderes das igrejas.
- A agência deve ter uma estratégia de saída clara antes de se comprometer com intervenções que se esperam que continuem depois que ela for embora.
- Por serem pequenas e fragmentadas, as igrejas evangélicas serão deixadas de fora dos fóruns da sociedade civil a não ser que elas colaborem umas com as outras e, como um único corpo, peçam para serem incluídas.

6. Conclusão

Os líderes das igrejas locais podem desempenhar um papel primordial no trato de questões que ameaçam a vida enfrentadas por suas comunidades se as agências os ajudarem a mobilizar e facilitar de maneira apropriada.

7. Potencial para reprodução

A abordagem esboçada neste estudo de caso pode ser melhor reproduzida em contextos nos quais:

- haja uma ONG internacional especializada ou uma ONG local comprometida em se envolver com as igrejas evangélicas locais para capacitá-las a responder a uma situação de desastre
- a agência tenha um orçamento adequado e a especialização necessária para buscar este objetivo
- haja um comprometimento no mais alto nível da agência em conceder, neste envolvimento com a igreja local, o “espaço” para ela se desenvolver no seu próprio ritmo. As igrejas não devem ser forçadas a adotar a agenda da agência.
- as igrejas estejam dispostas a trabalhar com outras que não têm os mesmos valores e doutrinas que elas
- as igrejas identifiquem uma questão que é de grande importância para todas elas
- as igrejas sejam acompanhadas pela agência por dois anos no mínimo.

Autor: Andrew Bulmer, 2008